



AS NARRATIVAS QUE PERMANECEM: BREVE ANÁLISE SOBRE AS REPRESENTAÇÕES QUE OS ALUNOS TÊM DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA EM SUA RELAÇÃO COM O REGIME MILITAR NA ATUALIDADE

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3842

Matheus Silva Dallaqua, UEL

Resumo

O ponto fundamental deste artigo é propor uma análise que busca identificar as narrativas que, na atualidade, estão presentes no imaginário de alguns alunos da Universidade Estadual de Londrina no que diz respeito às memórias que foram construídas e permaneceram a respeito da relação estabelecida entre a universidade e o regime militar. Além disso, busca-se traçar as origens e os maiores disseminadores dessas informações.

A fim de poder analisar essas questões foi criado um formulário online, em que 130 alunos matriculados em diversos cursos da Universidade responderam 5 questões, três abertas e duas de múltipla-escolha, sendo quatro obrigatórias e uma opcional. Com intenção de traçar o perfil dos estudantes que responderam o questionário, perguntou-se: “Qual seu gênero?”, “Em qual curso da UEL você está matriculado?”, “Você é filiado a algum partido político? Se sim, qual?”.

Quanto ao objetivo de traçar quais as narrativas são as mais difundidas, elencou-se em uma questão de múltipla escolha alguns desses relatos que os alunos possam ter tido contato a partir de respostas obtidas em um levantamento prévio realizado com um grupo de estudantes do curso de História. A única questão com resposta opcional foi “Onde você adquiriu essas informações?”, cujo objetivo foi poder delimitar alguns dos principais difusores dessas narrativas. É importante salientar que não é o foco desse artigo uma análise sobre a veracidade desses relatos, mas sim do grau de difusão dos mesmos entre alguns dos alunos da UEL na atualidade.

Palavras Chave:

Memória; Narrativa; Universidade Estadual de Londrina; Regime Militar.

Introdução

É proposto através deste trabalho uma análise que buscará identificar as representações que estão presentes no imaginário de alguns estudantes da Universidade Estadual de Londrina no que diz respeito às memórias que foram construídas e permaneceram até os dias de hoje sobre a relação que pode ser estabelecida entre a universidade em sua relação com o período do regime militar. Buscar-se-á revisar quais versões são as que mais foram difundidas, bem como traçar as origens e maiores disseminadores dessas informações.

A fim de poder analisar essas questões foi criado um formulário online, em que os alunos matriculados em qualquer curso da UEL responderam 5 questões, três abertas e duas de múltipla-escolha, sendo quatro obrigatórias e uma opcional. Com objetivo de traçar o perfil dos estudantes que compõe a pesquisa, perguntou-se: “Qual seu gênero?”, “Em qual curso da UEL você está matriculado?”, “Você é filiado a algum partido político? Se sim, qual?”. Dessa forma, podemos estabelecer qual foi o grau de difusão do questionário entre os cursos da universidade, a participação ativa na política dos estudantes que responderam o questionário no que concerne a atuação em partidos políticos.

Para entender quais são as histórias mais difundidas, elencou-se em uma questão de múltipla escolha (em que os alunos poderiam selecionar mais de uma opção, além de escrever outras histórias que eles já tiveram contato) várias versões das possíveis narrativas. Vale destacar, que as alternativas elencadas na questão foram estabelecidas a partir dos resultados obtidos em um questionário oral prévio realizado com estudantes do curso de história.

Dessa forma, através da pergunta “Você já ouviu falar em alguma dessas histórias sobre como a ditadura militar (1964-1985) possa ter influenciado a UEL,

seja em sua estruturação, disposição, configuração ou algum outro aspecto?” os pesquisados poderiam escolher entre:

Há salas no Centro de Ciências Humanas, entre as salas de aula, nas quais podia-se vigiar e escutar o que estava sendo lecionado; Era proibido, durante a época do regime militar, andar em grupos de mais de 3 pessoas pelo Campus; Havia militares disfarçados de alunos na UEL para fiscalizar tanto professores quanto alunos; O Centro de Ciências Humanas não possuía muitos espaços de convivência para evitar o contato entre estudantes; O calçadão do campus é largo para poder passar veículos grandes por ele (viaturas da polícia, tanques de guerra, etc.); Os centros CLCH e CECA ficavam mais afastados dos outros centros quando a UEL foi construída para evitar o contato entre os cursos; O fato do curso de Geografia estar localizado no Centro de Ciências Exatas e não no de Humanas está ligado a questões que envolvem o período destacado; O local onde foi construída a UEL deve-se ao fato do rápido e fácil acesso a ela caso fosse necessário chamar a PM no campus; Nunca tinha ouvido nenhuma dessa história; Outro.

A partir dessas repostas, os alunos poderiam responder ou não a questão seguinte, “Onde você adquiriu essas informações?”, formulada com o intuito de se pensar os principais difusores dessas narrativas.

É importante salientar nesse momento que não será o foco desse trabalho a análise amiúde sobre a veracidade dessas memórias, mas sim a difusão das mesmas entre os alunos. Também deve ser destacado que essa pesquisa pode apresentar falhas, afinal, foram analisados apenas 130 questionários, não abrangendo dessa forma, todos os cursos da universidade. Além disso entende-se que esse é um estudo inicial sobre o tema, podendo apresentar brechas, mas também possíveis caminhos para trabalhos seguintes com temática semelhante.

Tendo como base os dados fornecidos pela pró-reitora de planejamentos da UEL¹, tem-se conhecimento que essa foi criada em janeiro de 1970 a partir do decreto nº 18110, que previa que a universidade gozaria de autonomia didático-científica, financeira, administrativa e disciplinar sendo que essa se daria a partir da união de cinco faculdades. Dessa forma, agregou-se em departamentos de estudo os mais diversos professores e alunos das faculdades que funcionavam em Londrina, resultando o início das atividades da UEL com um total de 13 cursos de graduação.

Atualmente a universidade organiza anualmente um folder que apresenta diversos dados que se referem ao campus, seja no âmbito da pesquisa, do ensino, ou da extensão. De acordo com a publicação de 2017, a UEL conta com 54 cursos presenciais de Graduação e 247 de Pós-Graduação, distribuídos em 9 centros de ensino com mais de 20 mil alunos.

A partir dessas questões levantadas, busca-se discutir nos dois seguintes capítulos a ação da ditadura nas universidades durante os anos do regime militar, analisar os resultados das narrativas que mais permaneceram nas mentalidades dos alunos atualmente, e em um segundo momento traçar então, as fontes dessas informações.

Devemos destacar também que a partir dos resultados obtidos com os questionários, buscou-se ao longo desse texto uma análise tanto quantitativa quanto qualitativa dos dados. De acordo com Maria Cecília de S. Minayo e Odécio Sanches, ambas são complementares para se aproximar de resultados fidedignos. (1993). Dessa forma, os autores afirmam que:

Ambas abordagens são necessárias, porém, em muitas circunstâncias, insuficientes para abarcar toda a realidade observada. Portanto, elas

podem e devem ser utilizadas, em tais circunstâncias, como complementares. (1993, p.240)

A repressão universitária e as narrativas que ficam

A fim de se analisar as narrativas que permaneceram deve-se entender primeiramente um contexto mais amplo, partindo de uma análise macro – no que diz respeito às relações das universidades com o período militar – para uma análise micro – o caso da Universidade Estadual de Londrina a partir das reportagens e textos contidos no Jornal Poeira (jornal do DCE da UEL que funcionou de 1974 a 1978, e que compõe atualmente o acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica do CLCH).

De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta em seu artigo “Os olhos do regime militar brasileiro nos campi: As acessórias de segurança e informações das universidades”, nesse período, faculdades brasileiras sofreram diversas formas de violência através do governo que buscou cercear e censurar defensores da democracia e das liberdades individuais (geralmente ligados ao pensamento de esquerda) de modo que

Reprimiu e afastou dos meios acadêmicos os seus defensores [de esquerda]; o controle e a subjugação do movimento estudantil; a criação de agências de informação (as AESI) para vigiar a comunidade universitária; a censura a pesquisa, assim como a publicação e circulação de livros; e tentativas de disseminar valores tradicionais através de técnicas de propagandas (murais e panfletos), da criação de disciplinas dedicadas ao ensino de moral e civismo (chamadas nas universidades de Estudos de Problemas Brasileiros – EPB) e de iniciativas especiais como o Projeto

¹ Para mais informações, acessar a página da PROPLAN-UEL no site:

<http://www.uel.br/proplan/plano_diretor_2010_2015/texto_numerado_Plano_Diretor.pdf>

Rondon. (2008, p.32)

É importante ressaltar que de acordo com Motta, o plano dos militares de formar nas universidades uma elite que consentisse e pactuasse com o governo não foram acolhidos de forma passiva. Houve focos de resistências tanto entre professores e servidores, quanto entre alunos organizados através dos movimentos estudantis. (2008, p.33)

No que tange a UEL, um desses focos de resistência é o Jornal Poeira, inicialmente lançado a partir da união de três diretórios acadêmicos, que tinha como função informar aos alunos a situação dos estudantes tanto em nível local, quanto nacional, além de divulgar as ações da categoria, como as lutas por moradia estudantil e gratuidade do passe de ônibus.

Um dos exemplos que podemos ter a partir do periódico diz respeito a ação da AESI² da UEL, que de acordo com o Poeira, recebeu a alcunha pejorativa de “SUAT”. Na Edição Especial I de maio de 1977, relata-se que

Três agentes da polícia especial da Universidade Estadual de Londrina invadiram uma sala do Centro de Ciências Exatas e fizeram graves ameaças contra os estudantes do 1º período de Engenharia que lá se encontravam. Os policiais, irritados com dois estudantes que os havia qualificados como agentes da SUAT, chegaram a dizer que vão “dar tiro na cara” do próximo estudante que fizer “molecagem” [...] Para nós, estudantes londrinenses, a invasão desta sala de aula é mais uma demonstração do clima de terror e opressão que a atual administração pretende implantar em toda Universidade, tentando silenciar os estudantes que reivindicam e combatem por melhores condições de ensino, pela

liberdade de organização e manifestação. A SUAT, que hoje não consegue mais esconder seus reais objetivos – reprimir os estudantes (Edição especial I, maio de 1977, NDPH/UEL)

Outro exemplo explícito das repressões sofridas pela comunidade acadêmica da UEL pode estar diretamente relacionada a uma das narrativas que os alunos reproduzem atualmente:

No Centro de Ciências Biológicas, já ocorreram incidentes deste tipo duas vezes: grupos de estudantes que conversavam no Pátio foram proibidos de permanecer conversando. Numa das vezes, o guarda chegou a afirmar que não é permitido reunião de mais de 5 elementos dentro dos corredores, pátios ou vias com campus. (Edição especial II, maio de 1977, NDPH/UEL)

Além dos casos salientados aqui, há ainda relatos de invasões em Diretórios Acadêmicos, retirada de cópias do periódico de circulação, cancelamento de eleições do DCE. Essas ações nos remetem as análises de Carlos Fico a respeito das diversas formas de violências sofridas durante a ditadura civil militar que não apenas a agressão física (2013).

A sociedade brasileira foi vítima de uma espécie de violência muito ampla. Sobretudo por causa dos serviços de informações. Mas não houve essa dinâmica marcada pela violência *tout court* do enfrentamento público (2013, p.468).

Além do Jornal Poeira, há outras fontes que nos insere no contexto da UEL com a ditadura militar, uma delas é o livro “Peroba Rosa: memória da UEL 25 anos” de Joaquim Carvalho da Silva, que discute a ação do DOPS dentro da universidade, perseguindo ideologicamente professores

² De acordo com Sá Motta, cabia a esses órgãos a fiscalização das universidades, além do controle direto sobre a vida e as relações nos campus,

como barrar professores e alunos considerados de direita, coibir manifestações, punir possíveis dissidentes e militantes contrários ao governo. (2008)

e estudantes que fugissem do padrão aceito pelo período. (1996, p. 219).

Tendo por foco o panorama histórico social do período ao qual esse texto se remete, a partir da análise das respostas obtidas pelos questionários realizados pelos 180 estudantes podemos notar que as memórias relacionadas ao período militar permanecem no imaginário dos alunos da UEL mesmo pós meio século do fim do regime, de modo que apenas 31 estudantes (17,2% do total de pesquisados) nunca tinha tido contato com alguma das possíveis respostas.

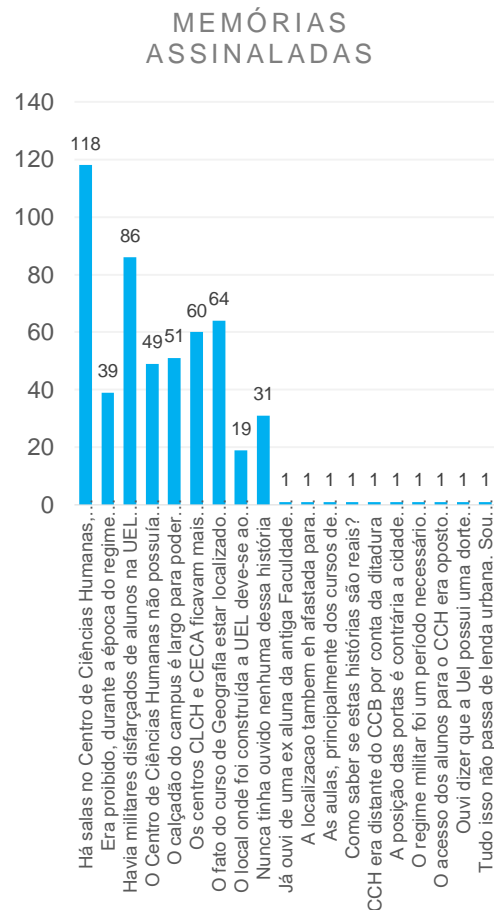
Antes de se aprofundar na análise das respostas em si, devemos primeiro traçar suas origens. No que se refere aos cursos em que esses estudantes estão matriculados, devido ao seu caráter online e seu meio de divulgação através das redes sociais, resultou-se que o questionário disponibilizado atingiu alunos dos mais diversos centros para que pudessem se expressar através das respostas. Dessa forma segue-se então o gráfico a seguir:



A partir de uma breve análise do Gráfico acima, nota-se que os estudantes que responderam ao questionário são dos mais variados centros de estudos, de áreas distintas do conhecimento que muitas vezes não dialogam entre si, ressalta-se também que todos os centros de estudos da Universidade foram abrangidos pela pesquisa, uma vez que, centros como o de humanas (78 respostas), biológicas (43

respostas) ou de agrárias (29 respostas) tiveram peso muito maior na quantidade de questionários respondidos, em contrapartida, centros como o CEFE (1 resposta) possuíram participação ínfima nessa pesquisa.

Partindo para uma análise das respostas obtidas com a questão referente as quais narrativas os alunos já tiveram contato, como foi dito anteriormente destaca-se que essas já foram amplamente difundida pelo meio estudantil, mesmo estando em 2017, 52 anos após o fim da ditadura militar.



Podemos perceber claramente que a narrativa que mais se destaca entre os alunos que responderam o questionário diz respeito a arquitetura do Centro de Ciências Humanas. Com 118 incidências, os alunos entrevistados já ouviram falar que havia salas entre as salas de aula – como que em uma espécie de panóptico –

em que os agentes ligados ao governos teriam acesso ao conteúdo que estava sendo ministrado pelos professores.

Em seguida, a segunda alternativa com mais repetições é a que diz respeito a presença de militares disfarçados no campus cuja função seria fiscalizar as atividades exercidas nesse. Tal aspecto não está tão distante da questão anterior, mas parte da premissa que uma das formas mais práticas de se fiscalizar tanto os alunos quanto os professores seria através de informantes dentro das universidades, destacando que de acordo com Motta, as AESI “contribuíram para criar nas Universidades ambiente de medo e insegurança” (2008, p.56).

Em terceira posição, a alternativa mais assinalada se refere ao fato do curso Geografia – um curso tido normalmente como integrante da área das humanidades – estar localizado no centro de estudos de Ciências Exatas, contrariando dessa forma a lógica de que um curso de “humanas” deveria ser localizado no centro de humanas. Em sequência aparecem alternativas que também dizem respeito a questões arquitetônicas do campus, seja pelo fato dos centros de humanas serem mais afastados do restante dos outros cursos, seja pelo fato da largura do calçadão, que de acordo com relatos possui esse tamanho para que veículos de grande porte pudessem transitar dentro do campus.

Dos 180 entrevistados, 31 (17,2%) nunca haviam ouvido falar a respeito dessas memórias: 3 do curso de história, 9 de Ciências Biológicas, 12 de Medicina Veterinária, e 1 em Medicina, Fisioterapia, Enfermagem, Arquitetura, Design Gráfico, Educação Física e Farmácia. Dessa forma nota-se que apesar dessas narrativas permanecerem vivas em alguns estudantes, ela não atinge a totalidade dos mesmos.

É interessante notar que, no que tange as generalizações, que mesmo entre os próprios cursos de humanas há alunos que nunca tiveram contato com essas

narrativas, dessa forma deve-se entender que não necessariamente um curso dessa área é mais “engajado” politicamente que um curso do centro das agrárias, afinal há inúmeras particularidades que devem ser destacadas evitando assim de cair no senso comum de afirmar que cursos que não pertencem a área das “humanidades” não possuem contato com essas narrativas.

Ressalta-se também as respostas de alunos que além de assinalarem as alternativas propostas pela pergunta a respeito das narrativas, contaram também outras histórias que já tiveram contato alguma vez. No que diz respeito à relação dos cursos de geografia com os outros cursos da área de humanas e seu afastamento desse centro, uma entrevistada respondeu:

Já ouvi de uma ex-aluna da antiga Faculdade de Filosofia e Letras (Fafilo) (a qual se uniu com outras faculdades e formou a UEL) que os cursos de história e geografia eram bem unidos no final da década de 60. Lembrando que a Fafilo funcionava em outro lugar. Quando passa a funcionar no campus, como Uel, já na década de 1970, esses cursos acabam se afastando (talvez, devido ao contexto daquela década)

Outros estudantes incluíram ainda: “A localização também é afastada para poder ser cercada mais facilmente”; “As aulas, principalmente dos cursos de humanas, eram observadas por militares fardados que muitas vezes censuraram os discursos dos professores”; “CCH era distante do CCB por conta da ditadura”; “A posição das portas é contrária a cidade para que a universidade se mantesse de alguma forma mais isolada do centro.”; “Ouvi dizer que a UEL possui uma forte independência e repulsa a intervenções políticas significativas, devido aos problemas ocorridos durante a ditadura”.

Além desses casos, há ainda aqueles que fugiram um pouco da proposta inicial da pesquisa, mas que de certa forma levantam discussões interessantes, como é o caso de: “Como

saber se estas histórias são reais?” E o relato de um professor que afirma que “*Tudo isso não passa de lenda urbana. Sou docente do departamento de biologia, vivi durante a ditadura, e arrisco falar que desde aquela época se especulava a função das principais estruturas da universidade. Era e ainda é mito.*” Essas duas respostas servem para nos lembrar, novamente, que não é o propósito desse trabalho buscar a veracidade dessas narrativas, mas sim se elas ainda sobrevivem a ponto de serem espalhadas entre os alunos.

Há também uma resposta que fugiu ao tema, mas que nos faz pensar a relação de disputa de poder no campo da memória, além da multiplicidades de narrativas que podem existir a partir de um único marco histórico uma vez que houve um estudante que respondeu:

O regime militar foi um período necessário para o Brasil. O comunismo tentou se instalar, assim como fizeram em Cuba, mas graças aos militares isso não aconteceu. Pesquisas TENDENCIOSAS como sua, nós encontramos em qualquer site esquerdista.

O perfil dos estudantes e as origens das narrativas

A partir do parágrafo anterior, será discutido nesse segundo momento do texto o perfil básico dos estudantes que responderam ao questionário, e tentar traçar as origens das narrativas trabalhadas no capítulo anterior, pelo menos as que contem mais repetições.

Em relação a questão de gênero dos entrevistados, foi dada as possíveis alternativas: Feminino, Masculino, Não-binário. Tem-se que dos 180 alunos e as alunas que responderam, 95 são do gênero feminino, 80 do masculino, 4 não-binários e 1 outros – esse por sua vez identificou-se como “homossexual.

Quanto à participação política

ativa dos estudantes entrevistados, enquanto membros filiados a algum partido político, tem-se a informação de que dos 180 alunos, 175 afirmaram não serem membros de partido algum. Desses, apenas um aluno de ciências sociais do gênero masculino afirmou ser militante do Levante Popular da Juventude. Dos outros 5 estudantes, há uma aluna de Serviço Social filiada ao PSol, um aluno afiliado ao PT em Letras, tal qual uma aluna de Ciências Biológicas, além de um aluno de Medicina afiliado ao PSC, e um de Artes Visuais ao Partido Novo.

Vemos então que daqueles que são filiados a algum partido político são em maioria de partidos tidos como de esquerda: PT e Psol, e dois de direita: PSC e Partido Novo. As respostas dos alunos pertencentes a esses dois últimos são emblemáticas, haja vista a resposta dada pelo aluno de medicina foi salientada anteriormente a respeito da disputas de memórias, e do aluno de visuais que perguntou como saber se as histórias são verdadeiras. Já os alunos que se dizem filiados a partidos de esquerda não demonstraram responder nada fora do usual.

Ao analisar as origens de disseminação dessas narrativas podemos ter uma noção de que 131 estudantes ao responderem “Onde você adquiriu essas informações?”, afirmaram que tomaram conhecimento dessas memórias através de professores - seja no colégio, seja na própria UEL – e também por outros alunos. Em alguns casos, há ainda alguns que adquiriam de pessoas próximas, como pais e familiares que estudaram na UEL e passaram a informação adiante, como é o caso de “*Parentes formados na Uel*”, ou seja, de alunos antigos que já tiveram contato com essas mesmas histórias e que ajudam a perpetua-las.

É emblemática a importância que tem os relatos orais, ou seja, da conversas boca-a-boca para a disseminação dessas ideias, haja vista que dos 131, apenas 5 responderam que

tiveram contato com essas informações por veículos que não estivesse ligados a esse processo, como é o caso de alunos que responderam: “*Em um livro publicado pela Eduel sobre a Ditadura Militar na UEL*”; “*Jornal Poeira*”; “*Jornais e internet*”. Sendo assim, temos que a maioria adquiriu essas informações através das suas vivências, seja “*No colégio e no cursinho*”, seja “*Na própria Uel*”, nas “*Aulas de história durante o colégio*”.

Considerações finais

Podemos perceber a partir desse trabalho, que o período que ficou conhecido na História Brasileira como ditadura militar teve fortes relações com as universidades do país, e que até hoje temos contato com os resultados dessa relação exatamente conturbada. A partir das análises obtidas pelo questionário desse trabalho, destaca-se que a Universidade Estadual de Londrina não foge à regra.

Essa por sua vez, assim como as outras sofreu fortes impactos das repressões, de acordo com o jornal organizado pelo DCE, o *Jornal Poeira*, até os dias de hoje se mantêm narrativas que dizem respeito as violências e imposições sofridas pela UEL durante seus anos iniciais, seja em seus aspectos estruturais, de disposição, ou configuração.

Vê-se que até os dias de hoje, essas narrativas ainda são passadas para os estudantes, indiferentemente do centro de estudos dos mesmos, seja de humanas, seja de biológicas. A partir desse trabalho temos que muitos alunos ainda têm contato com essas histórias. Contudo, devemos destacar que há, como foi obtido em algumas respostas um certo anseio por parte de alguns alunos em descobrir a veracidade dessas narrativas, e não apenas

toma-las para si como verdadeiras.

Portanto, entende-se a partir dessas breves análises que as narrativas a respeito dessa temática ainda permanecem vivas, tendo nos relatos orais e nas conversas, informais ou em salas de aula, na família ou no meio acadêmico, entre amigos ou entre alunos e professores, seu maior propagador e responsável pela sua conservação e manutenção.

Referências

- FICO, Carlos. Ditadura Militar: mais do que alagoes vítimas. A perspectiva de Calos Fico [Entrevista realizada em 24 de julho de 2013]. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.5, n.10, p. 464 – 483, 2013^a.
- _____. Violência, trauma e frustração no Brasil e na Argentina: o papel do historiador. **Topoi**, Rio de Janeiro, v.14, p.239-261, 2013b.
- JORNAL POEIRA. Londrina, Edição Especial I. Maio de 1977a
- _____. Londrina, Edição Especial II. Maio de 1977b
- MINAYO, M. C. S., SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementariedade? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 9 (3), p.239-262, 1993.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Os olhos do regime militar brasileiro nos campi. As acessórias de segurança e informações das universidades. **Topoi**, Rio de Janeiro, v.9, n.16, p. 30-67, 2008.
- SILVA, Joaquim Carvalho da. Peroba Rosa: Memórias UEL 25 anos. Londrina: EDUEL, 1996.
- UEL – Universidade Estadual de Londrina. Pró-reitora de Planejamentos. Diretoria de Avaliação e Acompanhamento Institucional. **UEL em dados**, 2017. Folder.
- _____. **Plano de desenvolvimento institucional 2016-2021** – eixo i. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/proplan/portal/pages/diretoria-de-avaliacao-institucional/pdi-2016---2021.php>>. Acessado em: 14/09/2017.